

# F AZER FESTA É UMA GUERRA

Relações e conflitos  
na organização de  
casamentos

## COLEÇÃO TRANSEPISTÊMICA

### **Coordenação**

*Carolina Branco* (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP)

*Diego Vicentin* (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP)

### **Conselho Editorial**

*Angela Araújo* (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP)

*José Eduardo Leon Szwako* (Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ)

*Maria Elvira Díaz Benítez* (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ)

*Marilda Aparecida de Menezes* (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP)

*Regina Facchini* (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP)

*Rosamaria Giatti Carneiro* (Universidade de Brasília – UnB)

*Roberto Efreim Filho* (Universidade Federal da Paraíba – UFPB / Universidade Federal de Pernambuco – UFPE)

*Roberto Marques* (Universidade Estadual do Ceará – UECE / Universidade Regional do Cariri – URCA)

*Sabrina Finamori* (Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG)

*Taniele Cristina Rui* (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP)

*Tom Dwyer* (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP)

*Zoraide S. Pessoa* (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN)

MICHELE ESCOURA

*F*AZER FESTA É UMA GUERRA

Relações e conflitos  
na organização de  
casamentos

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Escoura, Michele

Fazer festa é uma guerra : Relações e conflitos na organização de casamentos / Michele Escoura. – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2022.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-619-3

1. Casamento 2. Conflito social 3. Desigualdade social 4. Família – Relacionamentos I. Título.

---

22-111842

CDD-306.89

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Casamento : Aspectos sociais 306.89

*capa e gerência editorial:* Vande Rotta Gomide  
*preparação dos originais:* Editora Mercado de Letras  
*revisão final pós produção* da autora  
*bibliotecária:* Eliete Marques da Silva – CRB-8/9380

Fomento

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) Código de Financiamento 001.

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-letras.com.br](http://www.mercado-de-letras.com.br)

[livros@mercado-de-letras.com.br](mailto:livros@mercado-de-letras.com.br)

1ª edição

**2 0 2 2**

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução parcial ou total  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---

*P*ra Mel,  
*por eu ter sido uma*  
*péssima irmã da noiva*



## Agradecimentos

*Este livro deriva da tese de doutorado que defendi em 2019 no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas, a Unicamp, e sob apoio imprescindível da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Nas minhas dez páginas de agradecimentos na versão original da tese detalhei, com hiperbólico apego e comoção, minha gratidão àquelas/es que alicerçaram esta pesquisa. Aqui, repito os agradecimentos às interlocutoras e aos interlocutores que generosamente aceitaram contribuir comigo nesta empreitada analítica; ao Núcleo Pagu; ao PPGCS que me recebeu e me formou, suas/seus docentes, e, principalmente, às minhas/meus colegas de turma, especialmente na figura de Bianca Briguglio, que desde então é presença fundamental em minha vida. Devo acrescentar aqui também o quanto sou grata ao Diego Vicentin e à Carolina Branco pelo honroso convite em ter minha pesquisa publicada na primeira rodada da coleção do PPGCS/Unicamp. Agradeço a todas as professoras e professores que estiveram comigo nestas quase duas décadas de formação que me tornaram antropóloga, em especial à Lúcia Arraes Morales que me apresentou à disciplina; à Lúcia Maria Vianna Possas que me introduziu aos estudos de gênero; à Bibia Gregori, Regina Facchini e Ana Claudia Marques que compuseram minha memorável banca de defesa; à Heloisa Buarque de Almeida que, além de membro da banca, é também aquela que segurou minha mão e me orientou da graduação ao mestrado; e à Isadora Lins França, fiel orientadora deste trabalho. A presença destas professoras em minha trajetória me fez ver como o rigor exigido à atividade acadêmica não deve nunca estar apartado de afetuosidade, generosidade, diversão e entusiasmo. A cada vez que entro agora em sala de aula, me espelho em vocês.*

*Esta pesquisa só se tornou viável porque estive assegurada por anos em uma enorme rede de apoio e afeto, que se desdobrava em caronas, companhias, livros e casas para que eu baixasse em pouso tanto quanto ouvidos para que eu levantasse voo. Aqui repito o quanto sou infinitamente grata à Natacha Leal; Cristina Teixeira Marins; Breno Alencar, Erika Pinho; Marina Blank; Isabela Venturoza; Hugo Ciavatta;*

*Stella Paterniani; Bianca Chizzolini; Tatiane Klein; Renato Soares; Juliane Cintra; Bóris Fatigati; Marianna Bonna e Luiz Civille; Natália Carmelo e Davi Junior; Lycia Ribeiro e Sergio Domingues; Jordan Mackenzie; Lucas Freire; Felipe Batista; Gustavo Saggese; Marcella Betti; Jamila Venturini; Marina Barbosa; Lia Laranjeira; Malu Freitas; Frederico Coutinho; Roberto Efreim Filho e Irandbir Santos; Gustavo Cavarzan; Ian Packer; Ramon Reis; Milton Ribeiro; Katiane Silva, Simão Santana; Leslie Savietto; Sueli Bueno e Paulo Sérgio; Maria Bueno; João Carilho e Malu; à família Gomes Terribas e ao apoio ilimitado de Bruno Terribas.*

*Mas retomar esta pesquisa agora, após dois anos de pandemia e de uma experiência radical de isolamento e distanciamento físico obrigatório, significou, necessariamente, dar ainda novos matizes a um dos temas centrais que são tratados nesta obra: os vínculos que nos constituem enquanto pessoa. Há dois anos sem festa, refundando nossas bases relacionais e buscando novas formas de reabitar o mundo, eu não podia me furtar em acrescentar aqui os meus mais profundos agradecimentos àquelas e àqueles que estiveram por perto nos últimos e difíceis meses: às minhas queridas e queridos estudantes, orientandas/os e colegas do curso de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará, que me renovam a segurança de que estou no lugar certo; e à Manuela Alvarenga, Leonardo Cruz, Karina Sena Gomes, Filipe Saraiva, Marcel Bertolini, Andreza Gomes e Daniela Ferreira pelo adocicar do cotidiano por vezes duro de desterramento migrante. Sob tempestade, agradeço a presença inesfável daquelas/es que são também meus coletes salva-vidas: obrigada Julian Simões; Carlos Filadelfo; José Agnello Andrade; Renata Mourão Macedo; Natalia Fazzioni; Julia Goyatá; Bernardo Fonseca Machado; Beatriz Accioly Lins; Denys Yamamoto; Igor Scaramuzzi; Daniel De Lucca; Igor Rolemberg Machado; Luis Serrao; Claudia Bandeira; Roberto Catelli; Bianca Cruz; Rodrigo Segal; Lara Ravazzi; Francisco Souza; Luana Nery; Lélia de Castro; e Rodrigo Lima. Amigues, vocês são minha família. E, por fim, agradeço à Cicera e Melissa Escoura, aquelas que me mantêm de pé no intenso agora: mãe e Mel, minha casa.*



# *S* SUMÁRIO

PREFÁCIO 11

*Isadora Lins França*

INTRODUÇÃO: MODELAGEM 19

1ª COSTURA [DE VESTIDOS E NOIVAS]

PARA NOIVAS COM CLASSE 61

PORQUE NOIVA TEM QUE BRILHAR 121

2ª COSTURA [A ANFITRIÕES E CONVIDADOS]

DONOS DA FESTA 195

CASAMENTO É COMPROMISSO 243

CONCLUSÃO: ARREMATES 309

REFERÊNCIAS 321





refácio  
**FAZER FESTA, FAZER FAMÍLIA,  
FAZER GUERRA**

Engana-se o leitor ou a leitora que espera encontrar neste livro histórias de amor romantizadas ou certa superficialidade e emoção deslumbrada que comumente atribuímos às festas, especialmente quando celebram casamentos. Michele Escoura, uma antropóloga fascinada pela pesquisa de campo e com enorme talento para perceber as sutilezas das relações cotidianas, oferece neste livro uma perspectiva analítica que desafia o senso comum sobre as festas de casamento, situando-as em densas redes constituídas por relações de afeto, como se supõe, mas também de conflito. Debruçando-se menos sobre a festa em si e mais sobre os tensos períodos da sua organização, que podem se arrastar por anos, a pesquisadora confere contornos às guerras que dão título ao livro.

Fazer festa é uma guerra, guerra esta que para a autora começou dentro de casa. A pesquisa inicia-se com a irmã e os preparativos de sua festa de casamento, entre negociações com prestadores de serviços que acabam tragando também a própria autora, que passa, então, a habitar uma nova categoria: a irmã da noiva. Aos poucos, percebemos que a centralidade das

relações familiares no desenho da pesquisa não é mero acaso: as tramas familiares impõem-se como veículo para o campo e vão ganhando cada vez mais espaço na análise.

Por um lado, desde um ponto de vista metodológico, é pelos caminhos das redes pessoais e familiares que a pesquisadora consegue adentrar espaços de intimidade que estão relacionados à organização da festa: os conflitos em torno dos parentes que se deve ou não convidar, as expectativas das mães das protagonistas noivas, as disputas entre os casais e as artimanhas acionadas pelos noivos ao barganhar um lugar ao sol. Essa estratégia metodológica permitiu à antropóloga driblar as muitas dificuldades que surgiram quando se propôs a investigar situações que comumente são resguardadas da interferência de pessoas tidas como estranhas à família. Exigiu também uma postura ética e honesta, revelada também na clareza com que a pesquisadora percebe suas relações em campo. O misto de tenacidade e cuidado que permitiram a realização da pesquisa certamente inspirará aos jovens pesquisadores e pesquisadoras que trilham seus caminhos na pesquisa antropológica.

Por outro lado, família não é apenas porta de entrada para a pesquisa: Escoura toma como objeto de análise as próprias relações que se fazem na festa, entre as quais o parentesco assume um lugar central. Como afirma a autora, o casamento não é apenas uma festa de família, mas uma situação em que a própria família se produz, explicitando-se conflitos, definindo-se alianças, delineando-se os limites em torno daqueles a quem se chama de parentes. No livro, a autora articula os estudos antropológicos sobre troca, dádiva e parentesco à teoria de gênero, manejando habilmente suas conexões e pontos críticos, o que lhe permite deslocamentos instigantes num terreno sobre o qual muita tinta já foi gasta. Assim, produz uma torção importante, deslizando do casamento como aliança que trabalha sob o par natureza/cultura e que invariavelmente posiciona

as mulheres como dádivas, para o casamento como festa cuja organização está a cargo particularmente das mulheres, as quais desempenham papel essencial na busca dos objetos muitas vezes comerciais que farão uma festa de sucesso – o que significa, no limite, uma festa em que se faz família de forma apropriada.

Outra inovação do trabalho de Escoura está justamente na sua abordagem a essa dimensão comercial do casamento. Um dos contextos em que se desenrola parte das cenas e análises cuidadosamente tecidas pela autora é aquele relacionado ao mercado, particularmente no que diz respeito às feiras em que gentis vendedores homens mostram às interessadas noivas mulheres as últimas novidades capazes de transformar a compra dos itens da festa em pedaços de um sonho a ser realizado. Assim, a autora mostra com muita perspicácia como a festa de casamento reconfigura-se em termos de um mercado que hoje movimentava somas volumosas no setor de serviços no Brasil. Novos cálculos e atores passam a fazer parte da festa, impondo a noivas e noivos uma série de decisões e perambulações em torno dos serviços a se contratar. Os sacrifícios e as dívidas são, assim, inevitáveis: mais do que isso, eles compõem a importância que se dá à ocasião da festa. Das famílias mais humildes às mais abastadas, a autora mostra que o sacrifício para se oferecer a melhor festa possível envolve muitas vezes a venda de bens, o adiamento de planos e as despesas cotidianas contadas na ponta do lápis. As dívidas podem se estender por anos, e elas são não apenas financeiras: os presentes e convites obedecem a incontornáveis regras de reciprocidade que, quando não observadas, são capazes de estremecer relações.

Dentro desse mercado de festas de casamento, as lojas de vestido operam como um nicho à parte, merecendo atenção especial. Nelas, carrega-se de sentido a instituição “vestido da noiva”, um bem de dramática importância na cerimônia. As observações argutas de Escoura e sua escrita envolvente

nos transportam à intimidade das provas de vestido, em que mães e filhas negociam expectativas fortemente marcadas pelo modo como gênero opera na produção de moralidades. Nessas negociações, o valor da noiva não é dado apenas pelo valor do vestido, mas também pela corporalidade que o vestido como artefato é capaz de produzir. Vestidos fazem, da noiva, princesa, sereia, moderna, clássica, poderosa, sexy, santa ou meio menininha, nas categorias atentamente observadas pela autora. Muitas vezes, entre a sexy desejada pela noiva e a santa almejada pela mãe, uma complexa negociação pode resultar na poderosa com a ajuda do vestido perfeito. O corpo é produzido em diálogo com estilos de feminilidade invocados pelos modelos de vestido, na sua propriedade de deixar a nu ou cobrir determinadas camadas de pele, comprimir ou relaxar certas partes do corpo. Nos vestidos e nas feminilidades possíveis entre o corpo e a peça explicitam-se também com cruel nitidez as hierarquias de classe e de raça que se articulam a gênero nas relações que permeiam o mercado de festas, produzindo cenários de humilhação para as noivas que, por não serem brancas, de classe média e magras, jamais poderão ser princesas.

O salto entre a venda de sonhos realizadas nas feiras para a materialidade do vestido é alinhavado aos outros contextos da pesquisa, que percorrem também diferentes territorialidades, incluindo as cidades de São Paulo e Belém do Pará, conectadas pelo mercado das festas. Uma costura cuidadosa, artesanal, compõe uma etnografia de notável qualidade, capaz de descortinar complexas relações com rigor analítico e densidade teórica. Nem por isso a escrita elegante da autora deixa de proporcionar uma leitura fluida, que muitas vezes captura um lado divertido que por certo convive com as desventuras de organização da festa. Todos esses elementos fazem o texto ultrapassar o evidente interesse que despertará em antropólogas e antropólogos engajados nos debates mais

clássicos da antropologia, nos estudos de gênero, nos caminhos do mercado, consumo e materialidades. A festa de casamento é uma cerimônia que é nossa velha conhecida: entre noivas e noivos, madrinhas e padrinhos, mães e pais, parentes e amigos, não é incomum que já tenhamos circulado por algumas das posições e hierarquias ali encenadas. Neste belo livro, Michele Escoura oferece a nós, leitoras e leitores, chaves que permitem “estranhar” essa festa que é tão familiar, em tantos sentidos.

*Isadora Lins França*